



Novas vozes na imprensa brasileira: a estreia de Jose Eduardo Agualusa em *O Globo*

Isabella Oliveira da Silva*

SILVA, I. O. da. **Novas vozes na imprensa brasileira:
a estreia de Jose Eduardo Agualusa em *O Globo*.**
História Social, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 654-690.
<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5268>

Resumo: Em 2015, uma nova voz passou a integrar o escopo de colunistas do jornal brasileiro *O Globo*, com a publicação de textos semanais do literato e jornalista angolano José Eduardo Agualusa. Através da análise da matéria de apresentação de Agualusa e de sua primeira crônica produzida para o jornal, serão investigados os possíveis diálogos entre os interesses manifestados por esse escritor e o perfil jornalístico d'*O Globo*, incluindo seus propósitos e valores. Utilizando uma abordagem metodológica que examina as relações entre História e Imprensa, este trabalho pretende entender as motivações do periódico carioca ao contratar Agualusa.

Palavras-chaves: Imprensa. Agualusa. Lusofonia.

* Mestranda em andamento em História na Universidade Federal de Uberlândia.



New voices in the Brazilian press: the debut by Jose Eduardo Agualusa in *O Globo*

Isabella Oliveira da Silva

Abstract: In 2015, a new voice joined the ranks of columnists at the Brazilian newspaper *O Globo*, with the publication of weekly texts by Angolan writer and journalist José Eduardo Agualusa. Through the analysis of Agualusa's presentation material and his first chronicle produced for the newspaper, possible dialogues between the interests expressed by this writer and the journalistic profile of *O Globo* will be investigated, including its purposes and values. Using a methodological approach that examines the relationship between History and the Press, this work aims to understand the motivations of the Rio newspaper in hiring Agualusa.

Keywords: Press. Agualusa. Lusophony.

Introdução

Considerada como registros fragmentados do presente, a imprensa era comumente relegada pelos historiadores até meados de 1970. Isso mudou graças às influências da terceira geração dos Annales, com a proposição de novas metodologias, objetos e problemas, levando ao reconhecimento do valor da imprensa para a prática historiográfica, tornando-se objeto e/ou fonte de múltiplas pesquisas². Condicionado ao contexto histórico no qual é veiculado, um jornal atua também como agente interventor de sua temporalidade, influenciado por diversos objetivos dos envolvidos em sua produção. Interesses econômicos e políticos da gestão e de acionistas, sobretudo daqueles ligados a grandes conglomerados de comunicação. Correlacionado às inclinações do corpo de escritores associados, entre outros, esses intentos fazem da imprensa um campo em constante disputa, moldado por diferentes vieses com maior ou menor influência.

Com uma estrutura que contempla diversas seções em seus cadernos, cujos princípios editoriais afirmam a necessidade de agrupar indivíduos distintos na redação para promover a imparcialidade através do pluralismo de opiniões³, *O Globo* é um excelente exemplar para compreender a imprensa como uma arena de vozes dissonantes. Com mais de noventa anos desde sua fundação, este jornal carioca impactou e foi impactado por boa parte dos eventos que compõem os séculos XX e XXI, em especial os da sociedade brasileira. Centenas de indivíduos já passaram pelas páginas desse periódico nesse quase um século de história, dentre eles escritores renomados como Rubem Braga, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, contribuindo para o sucesso daquele que é hoje um dos maiores jornais brasileiros, segundo dados auditados pelo Instituto Verificador de Comunicação em 2023.

² LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

³ MARINHO, Roberto I; MARINHO, João R; MARINHO, José R. **Princípios editoriais do Grupo Globo**, 2011. Veja em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>.

Em 2015, uma mudança no corpo técnico de *O Globo*, com a contratação de um novo colunista semanal para seu Segundo Caderno, foi significativa por incluir e debater temáticas bastantes diversificadas através da escrita de um literato estrangeiro que já tinha certo reconhecimento em nosso país, o angolano José Eduardo Agualusa. Dentre os diversos assuntos tratados por esse sujeito em sua coluna, destaca-se a pauta lusófona. Cabe ressaltar essa questão uma vez que, até o começo de 2010, o jornal no qual Agualusa foi contratado tinha concedido uma visibilidade irrisória à lusofonia, segundo Antunes e Góes⁴.

Partindo desse quadro, a proposta deste artigo é analisar a chegada de Agualusa n'*O Globo*, articulando a historicidade e trajetória desse escritor com a história do jornal, investigando distanciamentos e similaridades nos seus discursos e interesses. Por meio da análise de uma matéria de apresentação acerca desse colunista feita um dia antes de sua estreia, bem como da inquirição da primeira crônica produzida por Agualusa nesse jornal, buscar-se-á correspondências entre os propósitos do cronista relativos ao jornal e o perfil jornalístico d'*O Globo*. Amparada por uma bibliografia pertinente, isso será feito com objetivo de conjecturar quais foram as motivações do jornal nacional em incorporar em suas páginas essa nova voz.

Apresentação n'*O Globo*: afinal, quem é Agualusa?

Quem eu sou não ocupa muitas palavras, angolano em viagem, *quase sem raça*. Gosto do mar, de um céu em fogo ao fim da tarde. Nasci nas terras altas. Quero morrer em Benguela, como alternativa pode ser Olinda, no Nordeste do Brasil [...] Escrever me diverte, e escrevo também porque quero saber como termina o poema, o conto ou o romance. E ainda porque a escrita transforma o mundo [...]⁵. (grifo nosso)

⁴ ANTUNES, Elton; GÓES, José C. A invisibilização identitária da África lusófona na *Folha de S. Paulo* e em *O Globo*. **Revista Observatório**, v.1, n.1, 2015.

⁵ AGUALUSA, José Eduardo. Entrevista concedida a Denise Rozário. In: ROZÁRIO, Denira. **Palavra de poeta**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Na manhã do dia 22 de fevereiro de 2015, *O Globo*, em matéria de Maurício Meireles, comunicava uma mudança do seu corpo técnico, com a troca de dois colunistas fixos do “Segundo Caderno”, seção designada para notícias de âmbito cultural. Anteriormente ocupando a segunda página dessa seção, o escritor Daniel Galera saiu da coluna publicada nas segundas-feiras para se dedicar exclusivamente à produção de um romance. Além disso, as quartas-feiras deixaram de ser o dia em que o filósofo Francisco Bosco publicava seus textos, uma vez que este renunciou sua posição no jornal para assumir a presidência da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Dessa forma, a matéria “Novos colunistas promovem a conexão entre Angola e Brasil” indicava as substituições do “Segundo Caderno”, com a contratação do historiador Frederico Coelho e do literato José Eduardo Agualusa⁶.

Reservado para as quartas-feiras, Coelho foi descrito no texto de Meireles como aquele que uniria as áreas de literatura, música e artes visuais para pensar no cotidiano. Com mestrado em História Social e doutorado em Literatura, dedicado à cultura marginal brasileira, Coelho certamente tinha bagagem para construir uma coluna diversificada, como se propôs em trechos de sua entrevista publicados na mesma matéria: “Minha ideia com a coluna é abrir estradas de pensamento e de conversa, sem me preocupar em dizer o que é certo ou errado (...) [o desafio] vai ser pensar em um leitor mais amplo”⁷. Todavia, sua trajetória profissional não indicava qualquer experiência em analisar as relações entre Angola e Brasil, sendo este estreitamento dos laços entre os dois países o intento anunciado publicamente em relação à entrada dos novos colunistas na matéria de apresentação de Meireles.

Com uma coluna fixa nas segundas-feiras, por sua vez, o angolano José Eduardo Agualusa foi apresentado pelo jornal como alguém experiente na imprensa, dada sua atuação em periódicos e revistas portuguesas e

⁶ MEIRELES, Mauricio. Novos colunistas promovem a conexão entre Angola e Brasil. *O Globo*, 22/02/2015. Veja em: <https://oglobo.globo.com/cultura/novos-colunistas-promovem-conexao-entre-angola-brasil-15402980>.

⁷ Ibidem.

angolanas. Por outro lado, era um estreante no jornalismo brasileiro. Em relação à sua biografia, Agualusa foi introduzido como um dos principais escritores contemporâneos de língua portuguesa, autor de obras como *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002), *Teoria geral do esquecimento* (2013) e *Rainha Ginga* (2014). Após a menção desses romances, Meireles cedeu espaço para que o próprio Agualusa comentasse um pouco sobre suas expectativas para o novo cargo por meio de algumas indagações prévias.

Entrevistado, Agualusa dizia apreciar a escrita de crônicas, remetendo a seus trabalhos anteriores, como sua colaboração de longa data com o jornal português *O Público*. Na matéria d'*O Globo*, destacou que assumir uma coluna exigia disciplina, o que era desafiante, mas que ser cronista num jornal, como autointitulou sua nova posição, também poderia significar construir um espaço que funcionava como um caderno de notas para um escritor. Assim, Agualusa conectava a área jornalística com seu trabalho como literato, apontando que “[...] muitas ideias que a gente tem na coluna podem ser aproveitadas para romances [e que] o bom de uma coluna é que ela faz o escritor manter uma ligação com a atualidade”⁸. Havia, portanto, desde seu primeiro contato com o jornal, uma indicação de que Agualusa visava correlacionar seus dois campos de atuação, como escritor comercial e agora cronista na nova coluna.

Além disso, outra fala dessa curta apresentação indicou um elemento importante relativo à conexão Angola-Brasil e à temática supracitada da lusofonia. Mais do que somente ser um autor angolano e manter contatos esporádicos com nosso país, Agualusa apontava o caminho que seguiria em sua coluna para construir pontes entre os dois países ao afirmar brevemente a importância da lusofonia na imprensa⁹. De modo geral, o termo lusofonia, que adentra um controverso debate conceitual e acadêmico, assinala inicialmente uma comunidade formada por países cuja língua oficial é o português. Fazem parte desse conjunto nove países independentes, chamados de lusófonos, que numa perspectiva

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem.

institucional são também Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe no continente africano, Portugal na Europa, Timor-Leste na Ásia e Brasil na América.

Fundada em 1996, a CPLP é uma organização supranacional que visa a concertação político-diplomática e a cooperação e todos os domínios sociais e econômicos, além da defesa da língua portuguesa através de um intenso diálogo cultural¹⁰. Todavia, é preciso destacar que a ideia de lusofonia não se restringe aos Estados envolvidos na CPLP, mas pode abranger todos os territórios que outrora estiveram relacionados ao processo colonial lusitano e que hoje contam com a presença de falantes da língua portuguesa, como Goa, na Índia. Desse modo, quando defendia na matéria de Meireles o intercâmbio da lusofonia pela imprensa, Agualusa apontava para a necessidade de reafirmar vínculos entre países e povos pertencentes a essa comunidade imaginada lusófona, de caráter transcultural e transnacional, derivada de séculos de colonização e escravização lusitana¹¹.

Nessa construção de elos lusófonos, a imprensa seria uma importante ferramenta e Agualusa lamentava existir pouco contato entre os países de língua portuguesa nesse campo, citando inclusive o trabalho de Luis Fernando Verissimo em jornais portugueses¹², enquanto reiterava a necessidade do desenvolvimento dessa troca entre autores e conteúdos na imprensa brasileira. Embora Agualusa não especificasse como promover a

¹⁰ OBJETIVOS. **Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.** Veja: <https://www.cplp.org/id-2763.aspx>.

¹¹ Martins, bem como outros autores que discorrem sobre a lusofonia, utiliza o argumento de Benedict Anderson relativo à comunidade imaginada para apontar a lusofonia como um exemplo desse conceito, tratando de “[...]um projeto disperso por vários espaços geograficamente distantes nos quais habitam cidadãos de diversas etnias e com diferentes culturas[...]]” cujo denominador comum é a língua portuguesa. Em: MARTINS, Moisés de L. A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. **Letrônica**, v.11, n.1, 2018.

¹² O escritor brasileiro, filho de Érico Verissimo, é famoso por suas crônicas e contos e trabalhou na Editora Globo e em outros veículos brasileiros, como o Folha da Manhã, além de ter colaborado com o periódico luso *O Públíco*.

ampliação da lusofonia no campo jornalístico, podemos pensar em alguns caminhos, como a presença de jornalistas de outros Estados escrevendo para seus países-irmãos. Também cogitar uma maior disseminação de informações, de modo que toda a comunidade lusófona se tornasse ciente do que acontecia nos territórios de língua portuguesa nos âmbitos políticos, culturais e socioeconômicos.

Logo, a presença de Agualusa em um dos jornais mais proeminentes do Brasil desenvolveria essa premissa proposta pelo angolano, através de uma coluna semanal que perpassasse as diferenças e proximidades entre Angola e Brasil, como divulgado pela matéria de Meireles. Dessa forma, é perceptível a ênfase dada pelo redator do jornal às possibilidades de Agualusa frente a nova coluna, ainda que subalternize o que será realizado pelo outro contratado, Fred Coelho, em seu espaço às quartas-feiras. Quando nomeia sua matéria destacando as conexões entre Angola e Brasil, Meireles parece indicar uma certa concordância com os apontamentos feitos por Agualusa sobre a relevância da lusofonia na imprensa.

Quando assumiu sua coluna n'*O Globo*, Agualusa já tinha sua carreira literária consolidada em nosso país, derivada de uma trajetória iniciada em 1998 com a publicação de *Nação Crioula* no Brasil. Desde então, várias outras obras foram lançadas aqui, paralelamente à parceria de Agualusa na formação de uma editora chamada Língua Geral, com a sede no Rio de Janeiro¹³. Ademais, em 2010, o nome de Agualusa foi muito divulgado nos grandes veículos da imprensa como o escritor preferido da então presidente Dilma Rousseff, repercutindo ainda mais seu nome¹⁴. Com tamanha presença no Brasil no âmbito literário, a contratação de Agualusa pelo *O Globo* nos anos 2010 parece soar oportuna, dada sua notoriedade no país. A potencialidade de Agualusa nessa coluna se comprovou com o tempo, já que ele atualmente permanece como colunista fixo do “Segundo Caderno”, completando nove anos de contribuição com *O Globo*, expandindo nesse

¹³ STRECKER, Marcos. Editora aposta em africanos e portugueses. **Folha de S. Paulo ilustrada**, 28/10/2006. Veja em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2810200610.htm>.

¹⁴ VEJA as obras de Agualusa, escritor preferido de Dilma Rousseff. **Folha de S. Paulo**, 21/11/2010.

meio-tempo as conexões entre sua terra natal e o Brasil, como já realizava (e ainda o faz) em seus romances. Seu sucesso e permanência no jornal ressalta ainda mais o lugar de prestígio que o nosso país atribui ao escritor que, na matéria de Meireles, com humor, introduziu-se como alguém que conhecia o Brasil melhor que muitos brasileiros¹⁵.

O propósito de Agualusa de entender bem nosso país parece ser uma constante em suas falas e escritos. Em várias entrevistas, ele afirma sua proximidade com o território brasileiro, muito baseada na irmandade entre Angola e o Brasil, que compartilham hoje muito mais do que um passado marcado pelo tráfico escravista transatlântico¹⁶. Essas partilhas atravessam seus âmbitos políticos, econômicos, sociais e culturais, que se entrelaçaram em vários momentos históricos, causando influências mútuas entre os países. Como exemplo dessa proximidade, podemos citar o reconhecimento da independência angolana pelo governo brasileiro, sendo o primeiro Estado a estabelecer relações diplomáticas com a nova República em 1975¹⁷. Assim, advindo de uma nação tão fortemente impactada pelo Brasil, Agualusa constantemente destaca intimidade com nosso país. Uma intimidade tamanha que, em uma conversa com o escritor moçambicano Mia Couto, Agualusa gracejava por ter se sentido incomodado quando foi identificado como estrangeiro nas ruas de São Paulo¹⁸.

¹⁵ ENTREVISTA de José Eduardo Agualusa. In: MEIRELES, Mauricio. Novos colunistas promovem a conexão entre Angola e Brasil. **O Globo**, 22/02/2015.

¹⁶ Para saber mais sobre como Angola e Brasil passaram de peças no comércio triangular transatlântico de Portugal para culminar no desenvolvimento de uma economia bilateral nos séculos XVI e XVII, que impacta ainda hoje o Brasil contemporâneo, veja: ALENCASTRO, Luis Felipe. **O trato dos viventes:** formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁷ É interessante esse reconhecimento, uma vez que o governo que se instaurou em Angola era comandado por uma vertente socialista e o nosso país em 1975 estava sob ação de uma ditadura declaradamente anticomunista. Veja: JOSÉ, Joveta. **A política externa de Angola:** novos regionalismos e relações bilaterais com o Brasil. 2011. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁸ MIA Couto e Agualusa comentam relação íntima com Brasil, no Flíporto. **O Globo (G1)**, 17/11/2012. Veja: <https://g1.globo.com/pernambuco/flipporto/2012/noticia/2012/11/mia-couto-e-agualusa-comentam-relacao-intima-com-brasil-na-flipporto.html>.

Para além dos elos entre Estados, Agualusa também pondera seu entendimento sobre o Brasil baseado em elementos de sua própria trajetória. O primeiro elo seria o familiar: nascido em 1960, em uma Angola ainda sob jugo colonial, José Eduardo Agualusa Alves da Cunha é natural de “Nova Lisboa”, atual cidade de Huambo, descendente de uma linhagem que ultrapassa as fronteiras de Angola, com ascendência brasileira por parte materna (e portuguesa pelo lado paterno). O segundo laço de Agualusa com nosso país é o conhecimento empírico que ele adquiriu sobre o Brasil em diversos momentos de sua fase adulta. Após mudar-se de Angola para Portugal durante sua adolescência, desenvolvendo nesse intermédio suas habilidades de escrita, já em sua fase adulta, na década de 90, o escritor visitou o Brasil pela primeira vez e residiu aqui por dois anos, alternando moradia entre o Rio de Janeiro e Recife.

Como resultado desse contato mais direto com o Brasil, podemos apontar a obra de Agualusa intitulada *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, publicada em 2002. Nesse livro, o autor fortalece as ligações entre seu país de origem e o território brasileiro, discutindo a questão da migração de angolanos para o Brasil nas últimas décadas do século XX¹⁹. A coletânea de contos *Manual prático de levitação* (2005), publicada pouco depois, também continha em suas páginas uma parte exclusiva de narrativas ambientadas no Brasil. Podemos citar ainda, dentre as obras que abordam nosso país mais diretamente, *A Rainha Ginga*, cujo narrador é um padre pernambucano que se torna mensageiro da famosa líder de Ndongo, essa figura histórica sendo também de grande valor cultural para o Brasil²⁰.

¹⁹ Foram substanciais os números de migrantes vindos de Angola para o Brasil desde 1970, a partir do cenário de guerra civil angolana, até o início dos anos 2000. Para mais, veja: AYDOS, Mariana R. **Migração forçada:** uma abordagem conceitual a partir da imigração de angolanos para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro (1970-2006). 2010. Dissertação (Mestrado em Demografia). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

²⁰ Ndongo foi o reino pré-colonial africano situado na região da atual Angola, governado por cerca de quarenta anos por Ginga no século XVII. Essa figura histórica tornou-se posteriormente um símbolo de resistência da independência de Angola. No Brasil, seu impacto deu-se pela vinda de escravizados dessa região da África, que trouxeram os feitos de Ginga para esse lado do Atlântico, que hoje são abordados em vários movimentos culturais brasileiros, como o carnaval, congada e

Por meio desses livros é possível dizer que, embora aborde personagens e processos históricos distintos, conforme demonstra sua produção de décadas, quando escreve sobre o Brasil Agualusa enfoca os laços que nosso país formou com Angola (e em segundo plano com Portugal e outros países africanos) derivados do contato colonial, evocando o passado como forma de reconstruir o presente, como argumenta a historiadora Rejane Sidrim²¹. Assim, por meio dos livros publicados, o escritor foi fortalecendo seus elos com o Brasil, ao lidar com temáticas caras à nossa história em sua literatura e também pelas visitas constantes para o país graças aos eventos de divulgação de suas obras, além de congressos, entrevistas e festivais literários. Todos esses percursos acabaram por resultar na aproximação do autor com o Brasil e também na difusão em nosso país da literatura agualusiana, que atualmente conta com mais de trinta obras publicadas comercialmente em múltiplos gêneros, tal qual o cronístico, que foi escolhido por Agualusa para compor sua coluna no jornal brasileiro.

Uma crônica programa? A estreia de Agualusa n'*O Globo*

Um cronista participa dos debates de seu tempo, inserindo-os em seu ofício, sem desassociá-los dos cuidados com a escrita literária. Para isso, ele tende a esboçar um perfil para suas crônicas que “[...] sirva como chave interpretativa capaz de guiar o leitor através daquele conjunto de textos”²², optando por determinadas temáticas em detrimento de outras e defendendo ou criticando diferentes vieses, enquanto cria um diálogo com seu público-leitor. Como apontam os organizadores de *História em Cousas*

capoeira. Para saber mais sobre essa rainha africana e sua influência, veja em: HEYWOOD, Linda M. **Jinga de Angola, a rainha guerreira da África**. São Paulo: Todavia, 2019.

²¹ SIDRIM, Rejane J. **O passado presente no romance de Agualusa:** história e literatura nos limites da ficção. 2019. Dissertação (Pós-Graduação em História). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

²² CHALHOUR, Sidney; NEVES, Margarida de S.; PEREIRA, Leonardo A. de M. Apresentação. In: ___. **História em Cousas Miúdas:** Capítulos de História Social da Crônica no Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005, p. 15.

Miúdas, o primeiro artigo de uma série habitualmente é destinado a formular um roteiro para as futuras crônicas que serão construídas pelo escritor para um determinado suporte. Nesse sentido, a leitura e análise da crônica inaugural de Agualusa n'O *Globo* pode apresentar indícios do programa desejado e proposto por Agualusa para o jornal, o que, posteriormente, pode ser comparado com o perfil jornalístico d'O *Globo*, inclusive em como o jornal tratou os mesmos temas levantados na crônica. Há, talvez, uma afinidade tão grande entre a forma que O *Globo* trata as temáticas trabalhadas por Agualusa que tal fato fundamente a contratação do angolano no jornal, para além de uma justificativa econômica meramente pautada no prestígio do escritor?

Intitulada como “Beijando o ditador”, a primeira crônica de Agualusa n'O *Globo* foi publicada em 23 de fevereiro de 2015, um dia após sair a matéria de introdução de Meireles, no Segundo Caderno do jornal, reservado a debater “tudo sobre cultura, opinião dos críticos de arte e as novidades do cinema, do teatro e da tv comentadas por quem entende do assunto”²³. Afetado também por essa premissa, já era nítido desde as primeiras linhas da crônica qual seria o tema escolhido por Agualusa para iniciar sua colaboração em O *Globo*: o carnaval, um dos símbolos mais emblemáticos do país, síntese simbólica de uma nacionalidade brasileira. Se considerarmos a data de publicação dessa edição, o assunto escolhido fazia sentido, já que a crônica foi lançada poucos dias depois do carnaval brasileiro de 2015, finalizado oficialmente dia 17 de fevereiro. E, embora não seja considerado pela legislação federal como um feriado nacional, é inegável o valor atribuído a esta tradição cultural no nosso país.

Tal importância é abordada em *Ecos da Folia*. Maria Clementina Pereira Cunha aponta que, desde muito cedo, o carnaval foi associado à imagem da nação brasileira, divulgado como uma festividade capaz de expressar a originalidade de seu povo frente aos demais, onde “[...] o Brasil encontrava sua síntese na natureza, na alegria, na malemolência mestiça

²³ Apresentação do Segundo Caderno no site Infoglobo, que foi uma empresa criada por Irineu Marinho para a publicação dos jornais O *Globo*, Extra e Expresso, posteriormente integrada à Editora Globo. Veja: <https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=67>.

– mistura harmônica em uma expressão festiva do país e de seu povo”²⁴. E, já no início do século XX, por volta de 1920, era difundida uma visão essencialista e integradora do carnaval que reverberou posteriormente no campo acadêmico. Foi divulgado com tanto efeito que, décadas depois, os pesquisadores ainda tocavam com hesitação na temática do carnaval, evitando seus múltiplos significados e sujeitos dada a projeção dessa festividade como parte inata da “cultura brasileira”, um bloco homogêneo que não deveria ser remexido pelo bem nacional²⁵. Dado o alcance dessa festa no Brasil, Agualusa surpreendia seus leitores em sua crônica, partindo não do carnaval brasileiro, mas voltando sua escrita para uma discussão além-mar:

Passei o carnaval na ilha de São Vicente, no arquipélago de Cabo Verde. Mindelo, a pequena capital da ilha, é famosa pelo seu Entrudo. No continente africano a cidade do Cabo, na África do Sul, organiza um carnaval antecipado, o *Coon Carnival*, no início de janeiro, que mobiliza toda a numerosa comunidade mestiça da cidade. Luanda e Benguela, em Angola, e Quelimane, em Moçambique, também já foram famosas pelos carnavais exuberantes, na época colonial, e estão, pouco a pouco, a recuperá-los²⁶.

Ao citar sua experiência no carnaval cabo-verdiano, o autor mantinha-se na pauta desta festividade, mas lidava com festa(s) ocorridas(s) em terras africanas, listando África do Sul, Angola, Cabo Verde e Moçambique. Ainda que o carnaval tenha sido incorporado ao imaginário da identidade brasileira como um símbolo da brasiliade, Agualusa começa sua parceria n’O *Globo* provocando o leitor com um circuito cultural muito mais amplo. Assim, a partir do trecho acima, encontramos um primeiro indicativo do rumo ambicionado por Agualusa para sua série de crônicas: a união do mundo lusófono pela cultura. Isso é perceptível uma vez que, quando constrói pontes entre o Brasil e a África, pelos elos

²⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 1^a ed., 2001, p. 14.

²⁵ Ibidem.

²⁶ AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

culturais comuns, o autor opta por tratar do carnaval, uma escolha que não é fortuita quando pensamos nas origens dessa festividade. O advento do carnaval nos territórios africanos (e também no Brasil) derivou-se do processo colonizador europeu e, se considerarmos os países mencionados por Agualusa, a maioria deles, com exceção da África do Sul, foi colonizada por Portugal²⁷. Logo, os carnavais praticados hoje em Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique, embora certamente tenham suas características particulares, podem ser compreendidos pelo autor como um sintoma lusófono, ou seja, um exemplo da partilha cultural entre ex-colônias lusas.

O segundo parágrafo inicia-se com as seguintes frases: “É possível mapear-se os territórios de mestiçagem euro-africana e a sua importância, em função da dimensão do carnaval. Mindelo, Luanda, Benguela, Cidade do Cabo e Quelimane são cidades mulatas”²⁸. Aqui, Agualusa reforça a relação entre o carnaval e a colonização que, promovendo contatos entre África e Europa, culminou na hibridização cultural e racial nesses territórios. Exetuando Mindelo, cidade localizada em um país que ele afirma ser hegemonicamente crioulo²⁹, Agualusa aponta que “[...] as outras quatro cidades que referi atrás [Luanda, Benguela, Cidade do Cabo e Quelimane] constituem ilhas de mestiçagem num vasto oceano ocupado por culturas de matriz bantu”³⁰. É intrigante o fato de o cronista dizer que esses espaços crioulos são pequenas frações, dispersas numa primazia de culturas não-crioulas, ao mesmo tempo que seleciona cidades que estão cada uma posicionada numa extremidade do continente, contornando a África com a crioulidade.

²⁷As origens do carnaval não se restringem a Portugal, mas este é um país cristão que desde a época colonial difundiu por suas colônias várias festas contidas no calendário cristão, tal como o carnaval. Por exemplo, com a colonização portuguesa, o entrudo chega no Brasil como uma festividade das famílias patriarcas brancas, onde as pessoas atiravam umas nas outras água, farinha e outros objetos. Foi uma comemoração que se popularizou e agregou novos elementos e grupos culturais que compõem hoje o carnaval brasileiro. Veja mais em: GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem europeia à festa nacional. *Caravelle*, n.73, 1999.

²⁸ AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

²⁹ Sobre o processo de crioulização em Cabo Verde, veja: ALMEIDA, Miguel V. Crioulização e fantasmagoria. *Anuário Antropológico*, v. 30, n.1, 2005; SEIBERT, Gerhard. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e príncipe: divergências históricas e identitárias. *Afro-Ásia*, 49, 2014

³⁰ AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

Geograficamente, Quelimane, em Moçambique, está no extremo leste do continente africano; a Cidade do Cabo, na África do Sul, está na extremidade sul. E Mindelo, epicentro da crioulidade, segundo Agualusa, está no extremo oeste. Com uma linha imaginária construída na crônica, o escritor liga essas cidades crioulas por um fio de cultura, um fio invisível que se evidencia, entre outros, pelo carnaval, num esforço que mostra a dimensão do processo de crioulização na África, que é umbilicalmente relacionado com a dinâmica colonial. Em seu artigo, Roquinaldo Ferreira analisa regiões da África Atlântica, especialmente Angola, para entender os sentidos da crioulidade dispostos nessas regiões. É importante destacar que o crescimento do escravismo levou a uma maior amplitude de sujeitos envolvidos nesse comércio, não só europeus ou africanos, mas incorporando, por exemplo, brasileiros quando pensamos em Angola. Assim, crioulos teriam características culturais da Europa, África e América, pertencendo a nenhum e a todos os três continentes ao mesmo tempo³¹.

Dessa forma, Agualusa destaca a existência de zonas crioulas e zonas não-crioulas dentro da África. Sobre isso, ele indica que nem sempre a convivência entre elas foi pacífica ao longo da história. Menciona, inclusive, como alguns núcleos crioulos urbanos costeiros, tais como Luanda, tenderam a não compreender e mesmo menosprezar o universo rural onde se tinha dominância banto – e vice-versa. Seus próximos parágrafos exemplificam essa questão:

No carnaval do Mindelo assisti a um curioso exemplo do estranhamento de África em relação a si mesma. Um dos grupos carnavalescos mais populares, mais dinâmicos e expressivos, é constituído por homens e crianças que se pintam de preto e saem para as ruas vestindo tangas, ornamentadas com pulseiras e colares, e armadas de falsas lanças e machados. São os “mandingas”, referência a uma das mais poderosas etnias da África ocidental³².

³¹ FERREIRA, Roquinaldo. “Ilhas crioulas”: o significado plural da mestiçagem cultural na África Atlântica. **Revista de História**, 155, 2006.

³² AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

Os mandingas são, assim, inseridos na crônica. Herdeiros do antigo império Mali, os mandingas foram profusamente divulgados através do tráfico de escravos como sujeitos atrelados à feitiçaria e superstição³³. Segundo experiência pessoal do cronista, foram também transformados por um grupo, provavelmente crioulo de Mindelo, em uma fantasia de carnaval. Em seu texto, Agualusa se preocupou em mostrar para o público como a cidade teve contato com os mandingas, já que estes não habitavam originalmente o arquipélago cabo-verdiano. Essa interação aconteceu graças a Exposição do Mundo Português de 1940, onde vários grupos étnicos foram exibidos em Lisboa para apresentar aos portugueses, de modo animalizado, as “tradicionais aldeias africanas do espaço colonial lusitano”³⁴.

De acordo com o autor, o retorno dos mandingas ao continente, com uma curta parada por Cabo Verde, foi o que possibilitou o conhecimento desses povos por Mindelo, levando ao surgimento do grupo carnavalesco *Mandingas*. Assim, Agualusa destaca que, com essa ação de mestiços africanos de se apropriarem de elementos dos mandingas, muito mais baseados em estereótipos construídos pelo Ocidente do que em aspectos

³³ Povos islamicados, os mandingas costumeiramente usavam talismãs para proteção, tais como as bolsas de mandingas que se popularizaram no Mundo Atlântico, contendo trechos do Alcorão. Entre o uso desses amuletos e a dificuldade encontrada pela colonização cristã em extirpar outras influências sobre os mandingas, fica mais claro entender porque eles foram divulgados como feiticeiros bélicos. Mandinga tornou-se sinônimo de feitiçaria, o que é usado inclusive no Brasil de hoje. Para mais: SANTOS, Vanicléia S. **As bolsas de mandinga no espaço Atlântico:** século XVIII. 2008. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo.

³⁴ Oficialmente homenageando a data de fundação do Estado Português (1140) e a Restauração da Independência (1640), essa exposição aconteceu durante o regime ditatorial comandado por António de Oliveira Salazar, de 1933 a 1968 (ditadura que só findou em 1974, com a Revolução dos Cravos). Foi uma ação do governo para reforçar seu poder, principalmente sob as colônias africanas. A presença de africanos, exibidos como posses do regime português, foi mantida na Secção Etnográfica Colonial, até a chegada da estação de inverno em Lisboa, quando foram enviados de volta às colônias em razão das condições em que era mantidos quando expostos e das doenças que começaram a ser contraídas. Saiba mais em: NASCIMENTO, Rosana A. D. **O “Brasil Colonial” e a exposição do mundo português de 1940.** Tese (Doutorado em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia.

históricos reais, “[...] temos então este bloco de negros e mulatos que se pintam de preto, de africanos que se mascaram de africanos, representando uma África arcaica e mítica destinada, no projeto original, a assombrar europeus”³⁵. Essa suposição de uma finalidade partilhada (assombrar europeus) entre a grande exposição de 1940 e um movimento carnavalesco de 2015 é bastante simplificadora. Contudo, é inegável que ambas as situações são influenciadas por uma perspectiva eurocêntrica que compreendeu no passado e ainda compreende hoje a África e suas culturas diversas como monstruosas, selvagens ou, no mínimo, exóticas.

Usando seu próprio padrão para medir a alteridade, esse olhar ocidental, amparado e justificado pela Igreja Católica, difundiu durante séculos o continente africano por meio de uma visão seletiva da realidade que fundamentasse seus objetivos colonialistas. E esse viés eurocêntrico existente até hoje, findada a colonização, ainda impacta as imagens que se tem das culturas africanas. Como diz Agualusa, “[...] para o vulgar turista ocidental, incluindo os brasileiros, os ‘mandingas’ são o grupo mais original de todos que se apresentam no carnaval de Mindelo. Suponho que os achem mais genuínos (mais africanos) sendo o restante vistos como ‘brasileirados’”³⁶. Destacando que o carnaval brasileiro também carrega traços africanos, uma vez que a festividade foi trazida “[...] no início do século XVIII, por portugueses e escravos das ilhas da Madeira e de Cabo Verde”³⁷, Agualusa constrói um círculo que envolve múltiplos espaços nomeados hoje como lusófonos.

Por toda a crônica, o escritor nos leva a refletir o quanto o Brasil é um país cuja história é intensamente marcada pela África, principalmente por influências culturais, sendo o carnaval apenas um exemplo disso. E mais uma vez: não qualquer exemplo, mas um dos traços culturais mais reiterados para falar da identidade brasileira. Todavia, nessa mesma crônica, Agualusa aponta como o brasileiro se afasta constantemente

³⁵ AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

dessas raízes comuns, não reconhecendo os muitos traços compartilhados ou derivados de contatos seculares. E ainda, indica o cronista, nesse processo os brasileiros olham e julgam a África com estranhamento, alastrando noções eurocentradas. Agualusa engloba os brasileiros nos vulgares turistas ocidentais e conclui que:

O turista busca a diferença, e, nessa procura, legitima o que lhe parece autêntico. Tanto pior se aquilo que parece autêntico é uma representação mais ou menos falsificada ou imaginosa da realidade – que se dane a realidade! [...] Vemos o que queremos ver. Há alguns anos, quando o meu filho era pequeno, deu comigo a olhar para a fotografia de uma mulher belíssima, num comercial de perfume. A mulher estava estendida, nua, numa praia tropical: “Uau!” – Exclamou o menino. Estranhei o entusiasmo. Afinal, ele tinha apenas quatro anos. “Uau, filho? Como uau?!” – “Uau!”, continuou ele: “Que cinto tão bonito! É um cinto de caubói.” Ele só vira o cinto. Eu só vira a mulher³⁸.

O final da crônica que se segue é um arremate de Agualusa sobre esse descaso e distanciamento brasileiro com a África, fazendo uma referência direta ao carnaval carioca dessa vez. Poucos dias antes da publicação da crônica, a escola de samba Beija-Flor foi coroada campeã do Carnaval do Rio de 2015. O enredo vencedor foi uma homenagem à Guiné Equatorial, um país da África Central que vivia então sob ditadura nas mãos de Teodoro Obiang desde 1979. A temática escolhida pela Beija-Flor já era controversa quando cantava “Criança, levanta a cabeça e vai embora/O mar que trouxe a dor riqueza aflora/ Tem uma família agora/ Quem beija essa flor não chora”³⁹. A polêmica foi agravada quando veículos da mídia noticiaram que a Beija-Flor havia recebido um patrocínio milionário do governo de Guiné Equatorial para a construção do samba-enredo⁴⁰,

³⁸ Ibidem.

³⁹ BEIJA-FLOR. **Samba-Enredo 2015** – Um Griô conta a história: um olhar sobre a África e o despontar da Guiné Equatorial – Caminhemos sobre a trilha de nossa felicidade. Veja: <https://abrir.link/fTraX>.

⁴⁰ CIFUENTES, Pedro. Um ditador no Carnaval do Rio. **El País**, 11/02/2015. Veja: <https://brasil>.

uma situação comentada pela agremiação sambista quando explicou que recebeu doações de empresas brasileiras⁴¹. O governo do país africano negou ter disponibilizado qualquer valor, alegando ter apenas apoiado a iniciativa de empresas brasileiras que tinham operações em Guiné Equatorial. Mesmo sem conclusões sobre o caso, a questão é que, na metade de fevereiro, essa era uma pauta presente nos principais jornais brasileiros. A partir disso, Agualusa resolveu usar o caso para demonstrar como o triunfo da Beija-Flor ilustrava uma seletiva falsificação da realidade africana feita pelo Brasil:

Assistindo ao desfile da Beija-Flor, há quem só tenha visto a riqueza dos trajes, as cores das plumas, a profusão de máscaras africanas, a ala dos ancestrais celebrando as tradições de um pequeno país africano. Porém, olhando melhor, não há como não ver o cinto do caubói. No caso, o rosto crispado de um dos mais terríveis e corruptos ditadores do nosso tempo: Teodoro Obiang⁴².

Esse trecho do cronista mostra simultaneamente como o brasileiro se extasiava diante da beleza e exotismo africano e como, ao mesmo tempo, ignorava o que acontecia do outro lado do Atlântico. O caso do Beija-Flor é mostrado por Agualusa como uma síntese de como o brasileiro escolhia desconhecer e se ausentar de debates e pautas sobre temas da atualidade de muitas nações africanas, como nesse caso do suposto patrocínio para o carnaval do Brasil. Afinal, dirá Agualusa em sua crônica, a maioria dos brasileiros encarnam o posicionamento de que “o dinheiro não tem cor [...] o importante é que a festa foi bonita”⁴³. Dessa forma, a crônica mostrava a forte crítica de Agualusa contra o apoio financeiro de Guiné Equatorial ao

elpais.com/brasil/2015/02/12/politica/1423700885_880122.html#:~:text=Seu%20hobby%20carnavalesco%20contagiou%20sua,ao%20poder%2C%20cuja%20brutalidade%20%C3%A9.

⁴¹ GUINÉ Equatorial diz que patrocínio a Beija-Flor foi iniciativa de empresas. **O Globo**, G1 Rio, 19/02/2015. Veja: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2015/noticia/2015/02/guine-equatorial-diz-que-patrocino-beija-flor-foi-iniciativa-de-empresas.html>.

⁴² AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

⁴³ Ibidem.

carnaval brasileiro, uma vez que o regime de Obiang se estabelecia sobre bases antidemocráticas. O próprio título da crônica referia-se à polêmica e fazia um trocadilho entre o verbo beijar e o nome da escola carioca campeã de 2015.

Já em sua estreia, Agualusa, portanto, não deixava de comentar a realidade política, social e cultural brasileira, alertando de saída sobre a importância dos estreitos elos do nosso país com África. Através do tema da cultura (aqui representada pelo carnaval), mote de todas as publicações do Segundo Caderno d'*O Globo*, Agualusa já de abertura lançava a provocação do quão indiferente o Brasil e seu povo se mostravam sobre suas ligações com os países africanos, em especial os que tinham uma história em comum. Essa determinação em tratar da cultura e essa advertência dada ao público brasileiro sobre o descaso quanto a África dão pistas de como Agualusa construirá sua coluna semanal. Ele, enquanto um angolano presente no jornal de maior circulação nacional, está numa posição capaz de relembrar e fortalecer, através da escrita, a importância das culturas africanas para o Brasil, especialmente dos seus elos com Angola. Também mostra seu entendimento sobre o próprio gênero cronístico: aquele que revela o olhar e o desejo de intervir no mundo sobre o qual escreve.

Sobre quais caminhos ele escolhe para perseguir esse objetivo de reconstruir os laços entre Brasil e África, ele também dá indícios nessa primeira crônica, quando costura Angola, Cabo Verde, Brasil, Guiné Equatorial, Moçambique e Portugal por meio do carnaval. Todos esses países fazem parte do espaço lusófono. Logo, eles formariam uma comunidade marcada por controvérsias, alianças e disputas, como aquela apontada por ele na crônica, quando diz que “[...] o ditador de Guiné Equatorial [Obiang] já conseguiu que seu regime fosse aceito na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”⁴⁴, remetendo a polêmica do mais recente membro da CPLP⁴⁵. A decisão de versar sobre uma

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Controversa, a entrada de Guiné Equatorial à CPLP aconteceu em 2014. Embora seja um país cujos habitantes falam no dia-a-dia o espanhol, o país pôde alegar que possuía raízes lusas, já que o território pertenceu a coroa portuguesa até 1778. Muitas críticas à presença desse país na CPLP

expressão cultural que envolve múltiplas regiões do mundo lusófono e a recordação da existência dessa instituição transnacional que oficializa a lusofonia não são acidentais. Assim, fica implícita sua deliberação em desenvolver a temática lusófona em *O Globo*, análise que é amparada por sua entrevista para Maurício Meireles em sua carta de apresentação, quando cita a necessidade da lusofonia na imprensa. Considerando o que foi exposto, é necessário, por fim, entender um pouco mais sobre o meio em que a crônica foi publicada, analisando o perfil jornalístico d'*O Globo* e qual foi o interesse demonstrado pelo jornal, até a contratação de Agualusa, acerca da lusofonia.

O Globo X A lusofonia

Atualmente, *O Globo* é um dos jornais mais tradicionais da imprensa nacional, cujo viés sociopolítico e econômico é bastante marcante, apesar de ser apregoado um discurso de neutralidade e objetividade sobre ele, narrativa comum dos veículos de imprensa, desde sua fundação. O jornal foi criado em 1925 por Irineu Marinho com o apoio dos também jornalistas Herbert Moses e Justo de Moraes. A historiadora Marialva Barbosa aponta que vários trabalhos que discursam sobre *O Globo* tem o preceito de atestar seu sucesso graças a genialidade de Irineu Marinho, estipulando uma analogia entre criação e criador, como se a prosperidade do periódico estivesse predeterminada⁴⁶. Essa narrativa, difundida também pelo próprio jornal para estabelecer seu prestígio, antecipa o grande alcance do periódico ainda nos anos 20, um discurso que se contrapõe com a consolidação tardia do jornal. Acompanhados da suposta inexorabilidade do jornal, outras retóricas também são propagadas para afirmação de uma imagem pública de *O Globo*, como o discurso relativo à sua modernidade e

argumentam que ela é uma jogada política e comercial dos dois lados. Mais em: LEITE, Isabel C. A CPLP, Portugal e a Guiné Equatorial: uma encruzilhada na era dos Direitos Humanos. **População e Sociedade**, v.34, 2020.

⁴⁶ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. RJ: Mauad X, 2007.

sua imparcialidade, que em 2011, foi reafirmada pelos princípios editoriais do Grupo Globo:

[...] o êxito [do Grupo Globo] é decorrência direta do bom jornalismo que praticam [...] e de todas as definições possíveis de jornalismo, a que o Grupo Globo adota é esta: jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas [...] levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, *uma forma de apreensão da realidade*⁴⁷. (grifo nosso)

Segundo seus princípios, *O Globo* produz um conhecimento preliminar que é relevante para a sociedade, pois busca cotidianamente informar o brasileiro da forma mais imparcial possível. Pauta a qualidade de seu jornalismo pelos seguintes atributos: isenção (da empresa e dos jornalistas), correção (em um sentido de apuração da verdade e reparação caso haja algum erro de informações) e agilidade (em investigar fatos e em disponibilizar o conhecimento). O periódico, em suas declarações, deseja então reiterar seu apartidarismo, não reconhecendo o uso do jornal para quaisquer lutas político-ideológicas, uma vez que busca “[...] tentar traduzir a realidade, no limite das possibilidades, livre de prisma”⁴⁸.

Mesmo quando assume que falhas de objetividade na trajetória de *O Globo* acabaram acontecendo, o documento traz uma retórica na qual esses erros são ligados às informações obscuras ou até inverdades divulgadas, o que deve ser corrigido. Os erros aludidos não são comumente relacionados às polêmicas nas quais *O Globo* foi envolvido, como o apoio dado pelo jornal a governos autoritários no passado, fato indicado pela historiadora Camila Barbosa Monção Miranda⁴⁹. Também o jornal é evidenciado

⁴⁷ MARINHO, Roberto I; MARINHO, João R; MARINHO, José R. **Princípios editoriais do Grupo Globo**, 2011.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ MIRANDA, Camila B. M. **As representações do Golpe e da ditadura militar brasileira nos editoriais do jornal O Globo (1964-1985)**. 2015. Monografia (Graduação em História). BH: Universidade Federal de Minas Gerais

como meio que preserva o *presente*, material de análise para historiadores⁵⁰. *O Globo* nega, entretanto, qualquer ação intervencionista na sociedade que lhe é contemporânea. Logo, “o jornalismo e suas narrativas são vislumbrados, nessa perspectiva, como agentes *para* a história, mas não necessariamente *na* história”⁵¹.

Considerando que um jornal não é “[...] mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”⁵², não se pode tomar como verdade essa promessa de neutralidade de *O Globo*. Isso se torna ainda mais evidente se recordarmos que *O Globo* preza pela modernização da imprensa numa lógica de uso e otimização de recursos para garantia de lucro. Por mais que seja constantemente acionada uma memória de que *O Globo* é essencialmente um negócio familiar, esse jornal é parte de um grupo midiático de enorme capital que teve e ainda detém enorme influência nos eventos e processo históricos brasileiros, cultivando, em suas páginas, ideais. Ainda que ofereça espaço para outras vertentes por meio de vozes diversas em seus variados cadernos, seus princípios e interesses reverberam pelo periódico, especialmente por meio dos editoriais, mas que também afetam outros textos do jornal, que precisam de aprovação para a publicação, dado o fato que a imprensa se estabelece em uma estrutura hierarquizada.

Nesse sentido, é intrigante imaginar os motivos da contratação de Agualusa no jornal *O Globo*, uma vez que as características rotineiramente associadas ao angolano, e especialmente à sua escrita, e ao perfil do periódico não são correlatas à primeira vista. De maneira geral, a literatura

⁵⁰ A História aqui é definida como um campo atrelado essencialmente ao passado. Segundo os princípios editoriais, a produção de conhecimento do tempo presente é feita pelo jornalismo, que estrutura um conhecimento preliminar que vai ser adensando depois por investigações historiográfica. Aponta que: “Se a História pode dispor de anos de trabalho para fazer *aflorar a realidade*, o jornalismo dispõe de algumas horas [...]” Mais: Ibidem.

⁵¹ JÁCOME, Phellipy P. **O jornalismo como singular coletivo:** reflexões sobre a historicidade de um fenômeno moderno.2017. Tese (Doutorado em Comunicação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, p.49.

⁵² CAPELATO, Maria H; PRADO, Maria L. **O bravo matutino:** Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p.19.

agualusiana, bem como as falas públicas do escritor, são marcadas por tons progressistas, repudiando regimes antidemocráticos que, de alguma forma, prejudiquem direitos de grupos minoritários. Ainda que mantenha uma postura céтика quanto ao exercício institucional político, em suas entrevistas ele opõe-se firmemente à ascensão da extrema-direita⁵³. Inclusive coloca-se como um sujeito de esquerda, destacando em sua escrita que “[...] gostaria de ver emergir, a nível mundial, um novo pensamento de esquerda, liberto dos erros e amarras do passado, conectado com o presente, e que se afirmasse como alternativa à vaga conservadora que vem conquistando espaço no mundo”⁵⁴.

Na contramão, *O Globo* é alinhado a uma cultura conservadora política, algo perceptível ao longo da história do periódico, sobretudo se pensarmos nos posicionamentos do jornal quanto a vários programas políticos brasileiros. Se analisada sua conduta frente ao governo ditatorial estabelecido nos anos 1960, através da bibliografia relacionada, é clara a aliança entre *O Globo* e o regime militar, que apoiou a ditadura como meio de manutenção da ordem e da moral brasileira, engendradas pelas elites do país, que não desejavam perspectivas revolucionárias das camadas mais pobres. Embora exista um mito que prega a resistência geral da imprensa contra o regime militar, “[...] alguns jornais simplesmente se acomodaram [...] e buscaram] uma oportunidade de ascensão”⁵⁵. *O Globo* aparece nesse enquadramento com a consolidação de um império midiático a partir de subsídios governamentais ou mesmo da condescendência frente a irregularidades jurídicas⁵⁶.

⁵³ AGUALUSA. “Há um movimento de estupidificação global promovido pela extrema-direita”, alerta escritor Eduardo Agualusa. *Comunidade, Cultura e Arte*, 27/05/2024. Veja: https://comunidadeculturaearte.com/ha-um-movimento-de-estupidificacao-global-promovido-pela-extrema-direita-alerta-escritor-eduardo-agualusa/#google_vignette.

⁵⁴ AGUALUSA, José E. Desejos e profecias de um quiromante célico. **O Globo**, Segundo Caderno, 01/01/2018.

⁵⁵ MIRANDA, op. cit., p. 26-27.

⁵⁶ Como a do acordo *Time-Life*, em que teriam sido ignoradas as evidências de um apoio financeiro inconstitucional à Rede Globo. Mais: HALPERIN, Paula. Entre a invasão dos “capitais alienígenas” e a consolidação da televisão: Imprensa e debates públicos em torno ao acordo Rede Globo/*Time-*

O apoio dado ao regime projetou *O Globo* nacionalmente e o jornal utilizou de sua alta circulação para legitimar publicamente o governo e julgar seus contestadores, nomeando como terroristas quem fazia parte da oposição armada. Embora Miranda destaque que houve pequenas dissidências entre o periódico e os governos militares, como o descontentamento do jornal frente a pouca atenção dedicada ao empresariado nacional e a insatisfação com os extensos gastos com investimento público, as relações entre *O Globo* e a ditadura foram contínuas e amenas⁵⁷. Inclusive no momento da redemocratização, quando o jornal destacou a necessidade de alcançar a restauração democrática, mas encarou o regime militar como um percurso coeso e necessário frente a ameaça de Goulart.

Mesmo na atualidade, *O Globo* tenta justificar esse apoio dado ao regime ditatorial. Através do projeto *Memória O Globo*, criado com o intento de resgatar e preservar a história do jornal, o grupo se coloca como apenas mais um dos principais meios de comunicação que estavam ao lado da intervenção, indicando a polarização mundial entre capitalismo e comunismo durante a Guerra Fria como um dos motivos da postura adotada, já que a situação política brasileira teria se radicalizado nas mãos de Goulart, suscitando a ascensão comunista como pretexto para os eventos de 1964. Por meio do editorial “Apoio ao golpe de 64 foi um erro”, o jornal fortaleceu sua defesa dizendo que nem sempre *O Globo* e os militares estiveram em bons termos, principalmente após a sanção do AI-5⁵⁸, e que Roberto Marinho se manteve ao lado da legalidade, posicionando-se a favor da liberdade de expressão e negando oferecer ao regime uma lista dos supostos comunistas perseguidos. Para findar seu esclarecimento, o jornal clamou pela análise da situação considerando as circunstâncias históricas envolvidas, já que:

Life, 1964-1967. **Antíteses**, v.12, n.23, 2019.

⁵⁷ MIRANDA, 2015, p. 26-27.

⁵⁸ BRASIL. Ato Institucional nº 5. Suspende os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassa mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, além de decretar intervenções nesses estados e municípios. Planalto, Brasília, 1968.

Os homens e as instituições que viveram em 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país. À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma⁵⁹.

De acordo com a análise de Miranda, esse editorial expressou a mea-culpa do periódico, cuja resposta “não se mostra como um arrependimento, mas como uma explicação que visa absolver o apoio dado ao regime autoritário e repressor que perdurou por mais de vinte anos no Brasil”⁶⁰. Nele, não é, em nenhum momento, revelado a reciprocidade da relação entre o jornal e o governo. Outro aspecto que deve ser destacado desse editorial é a reafirmação da História como passado. Se o apoio do jornal ao regime militar aconteceu em 1964, os homens e instituições do período são entendidos como históricos. Nesse sentido, adere-se a uma retórica de que não se deve culpabilizar o jornal atualmente por um erro dito obsoleto, já que esse lapso ocorreu em uma conjuntura específica e por motivações nobres, visto que *O Globo* só desejava o bem nacional. Decorrente desse discurso de “deixar o passado no passado”, o jornal subestima e desconsidera nesse editorial o poder da memória social, especialmente aquela proveniente do revisionismo histórico.

Longe de ser uma pauta superada, a rememoração do regime ditatorial é recorrente no Brasil atual, com toques de saudosismo, sendo uma constante ameaça para a democracia brasileira, a qual *O Globo* define como um valor absoluto. Essa afirmação da democracia como uma máxima pode ser contrariada pelo fato de que o jornal nem ao menos

⁵⁹ APOIO ao golpe de 64 foi um erro. **Memória O Globo**. Veja: <https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>.

⁶⁰ MIRANDA, 2015, p.46.

admite os danos causados por seu apoio não tão distante a um golpe de Estado. Faz sentido, contudo, se o pensarmos na justificativa de *O Globo*, cujo antagonismo ao comunismo considera qualquer ação relativa a ele como antidemocrática, tornando válido, e consequentemente democrático, aquilo que combate essa suposta ameaça subversiva. Todavia, diferente do fantasma do comunismo no Brasil, as marcas da ditadura na sociedade brasileira são bens reais. Derivado disso, os pedidos de retorno ao regime ditatorial deram frutos no nosso país muito recentemente, perpassando a década de 2010, o que foi inclusive abordado e criticado por Agualusa⁶¹.

Além das aparentes dissidências no plano político, podemos pensar nas relações entre Agualusa e *O Globo* através do espaço escolhido no periódico para alocar o escritor. Considerando que o Segundo Caderno é um local destinado ao debate e às produções culturais, faz sentido a recepção de um literato de grande reconhecimento no Brasil numa seção publicada nas segundas (depois sendo transferido para o sábado), dividindo sua coluna com outros nomes importantes durante os outros dias da semana, como o jornalista Arnaldo Bloch. É coerente também com a matéria de apresentação de Meireles, na qual Agualusa esclarece seu intento de ligar Angola e Brasil especialmente através de elos culturais (e lusófonos). É preciso ressaltar, contudo, que *O Globo* tem seu interesse voltado especialmente para o noticiário político e econômico, subalternizando questões culturais em suas páginas, como indicada por Marialva Barbosa e ratificado por uma análise mercadológica relacionada ao perfil de leitores do jornal⁶².

Ao investigar as escolhas lexicais de *O Globo* no ano de 2008, Márcia Oliveira assevera que, enquanto temas relativos à cidade do Rio de Janeiro e conteúdos políticos e econômicos são destaque no jornal, assuntos relacionados à cultura possuem uma presença bastante reduzida

⁶¹ AGUALUSA, José Eduardo. A fábula do leão e da palanca. **O Globo**, Segundo Caderno, 24/08/2015.

⁶² OLIVEIRA, Márcia R. A. R. Jornal Popular x Jornal Tradicional: análise léxico-gramatical da notícia a partir da Linguística de Corpus, um estudo de casos dos jornais cariocas “O Globo” e “O Dia”. **Veredas**, 2008.

no periódico. Além disso, foi apenas em 1984 que *O Globo* reformulou o “Segundo Caderno”, tornando-o exclusivamente cultural, já que até esse ano ele funcionava como uma continuação do “Primeiro Caderno”, focado em pautas políticas e econômicas. *O Globo* foi um dos periódicos que mais tardivamente passou a reservar esse espaço fixo para a cultura, visto que, a partir de 1960, vários diários começaram a adotar essa prática, o que, segundo Jácome e Vieira, foi resultado dos esforços em ordenar a imprensa moderna em fronteiras estáticas⁶³. Nos cadernos culturais aconteceria a articulação entre jornalismo, literatura, política, arte e opinião, contraposto ao discurso de neutralidade jornalística, criando uma ideia de “lados” da folha. Em um deles, prevalece a objetividade, a racionalidade, o predomínio dos “grandes temas nacionais”, publicados nas primeiras páginas do jornal. A outra parte, o que os autores chamam do “lado B”, seria dedicada ao jornalismo cultural e foi durante muito tempo obliterada pela imprensa. Essa hegemonia da objetividade na imprensa não significou a eliminação do espaço opinativo, literário ou mesmo ficcional, mas gerou uma separação “[...] entre a informação, transmitida “objetiva” e “imparcialmente”, e o comentário pessoal e a opinião, que, apesar de valorizados, passaram a ter seu poder heurístico atenuado”⁶⁴.

Considerando essa bipartição da imprensa e a máxima de *O Globo*, que é minimizar o subjetivismo pela busca da verdade, há, portanto, dentro dos próprios princípios do Grupo Globo um preceito de subalternizar o potencial informativo dos textos do “Segundo Caderno”, entendidos como subjetivos, realçando o “Primeiro Caderno” nesse quesito. Se, portanto, *O Globo* não é um periódico tão ligado a questões culturais, historicamente obscurecendo esse “jornalismo B” de suas páginas, há outras motivações pela contratação de Agualusa, que foi inclusive realçada na matéria

⁶³ JÁCOME, Phellipy; VIEIRA, Ítala M.O lado B do Jornalismo: como os cadernos culturais entram na história. *Contracampo*, v.37, n.3, 2018.

⁶⁴ RIBEIRO, Ana P. G. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: FERREIRA, Tânia M. B. do C.; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia M. B. P. (org.). **História e Imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p.427.

de Meireles? Seria possível pensar em uma hipótese onde a escrita de Agualusa, em torno dos elos culturais compartilhados entre África e Brasil poderia ser usada em prol de uma agenda política da direção do periódico? Se considerarmos o desinteresse prévio de *O Globo* em torno da lusofonia, temática cara para Agualusa que foi percebida mesmo em sua primeira crônica, talvez essa suposição possa ser considerada.

Coletando notícias, editoriais e entrevistas produzidas entre 1996 e 2006, os pesquisadores Antunes e Góes obtiveram o retorno de apenas 50 registros sobre a temática lusófona em *O Globo*, a maioria relativa aos países africanos de língua portuguesa. Dada a escassez de publicações, os autores constataram “[...] um modo de invisibilização por ausência, um silêncio, um não dizer, um não existir, não apenas dos países africanos portugueses, mas da própria comunidade [lusófona]”⁶⁵. E, quando submetidas à análise, Antunes e Góes concluem que as parcias notícias de *O Globo* “[...] deslocam os sentidos de pertencimento, de modo a afastar, silenciar sobre o passado colonial no Brasil e permitir o distanciamento identitário dos africanos”⁶⁶. Assim, para esses pesquisadores, *O Globo* estabelece duas etapas de ocultamento da lusofonia: o desaparecimento do tema nas páginas e a prevalência de um discurso que reforça parâmetros eurocêntricos quando pensa na sociedade brasileira, colocando a África lusófona como o *outro*. O jornal “[...] buscou-se instituir um ambiente até de certo ‘compadrio’ entre Brasil e Portugal e, ao mesmo tempo, de distância, rejeição e de vigilância com os africanos”, o que faz Antunes e Góes inferirem uma “ação identitária que atende a interesses do grande capital, ambiente em que transita o jornalismo da *Folha* e de *O Globo*. Quando há algum tipo de notícia, ela reforça essa concepção, assegurando uma ameaça pelo contágio negro e pobre”⁶⁷.

⁶⁵ ANTUNES E GÓES, op. cit., p.158.

⁶⁶ *Ibid.*, p.160.

⁶⁷ ANTUNES, Elton; GÓES, José C. Os 20 anos da comunidade dos países de língua portuguesa na imprensa brasileira: discutindo as condições para uma *communitas* possível. **Médias & Jornalismo**, v.16, 2016, p.184.

Esse tratamento dispensado à temática da lusofonia pelo jornal culmina em um Brasil completamente afastado de seus deveres para com essa comunidade lusófona. Como tal postura de *O Globo* pode dialogar assertivamente com a relevância dada a Agualusa à pauta lusófona, que inclusive critica o afastamento consciente da sociedade brasileira com sua herança africana? Para buscar essa resposta, é válido voltar para a construção da lusofonia na crônica-programa. Pelo que vimos, Agualusa indica a existência de um elo cultural entre Brasil e África, especialmente forte entre países lusófonos, que não é restrito ao passado. Se começou na época colonial, seus resquícios estão presentes hoje em expressões culturais variadas, como pelo carnaval. Essa deixa de Agualusa antecipa sua disposição a favor da lusofonia, ou seja, é clara a constatação do cronista de que há elementos comuns entre a comunidade lusófona. Mas qual lusofonia ele defende? Pela análise da crônica, podemos notar sua crítica contundente ao olhar que despersonaliza a África, seus povos e suas culturas, à perspectiva eurocêntrica que estereotipa.

Todavia, na elaboração desse texto, Agualusa estabelece uma certa dualidade entre o continente africano, citando núcleos opostos: banto x crioulo, urbano costeiro x rural⁶⁸. Essa polarização fica mais clara no trecho: “Os núcleos urbanos crioulizados, alguns deles há vários séculos (Luanda, por exemplo, foi fundada em 1576) tendem a ignorar, senão mesmo a desprezar, o universo rural. Este responde na mesma moeda”⁶⁹. Enquanto cita a dificuldade de interação entre mestiços e povos bantos, ele não estipula a segunda como se estivesse preservada de contatos alheios, como se estivesse inalterável frente às influências vindas pelo Atlântico? Assim, Agualusa simplifica as relações entre a região costeira e o interior do continente, como se estivessem culturalmente apartados, dando a entender que a crioulidade na África ficou bastante restrita à costa marítima. Tal ideia é refutada por Roquinaldo Ferreira, cujo trabalho discorre como o envolvimento constante de indivíduos com o comércio

⁶⁸ AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. **O Globo**, Segundo Caderno, 23/02/2015.

⁶⁹ Ibidem.

de escravos, a mobilização de soldados e contínua migração expandiu a cultura crioula para o interior, no caso do processo de crioulização de Angola. Isso contrapõe o exemplo dado por Agualusa sobre Luanda. O historiador aponta que a cidade costeira tinha que manter boas relações com o interior para o suprimento de escravos, além do destacamento de soldados que garantia a relativa paz do governo de Luanda⁷⁰.

Além disso, destacar que esses pretensos polos tendem a se ignorar ou mesmo a se desprezar não é desvalorizar a plasticidade das culturas africanas? Não queremos afirmar qualquer tipo de relação ideal entre culturas diversas, mas o processo de crioulização em si demonstra trocas culturais entre Europa, África e América. Qual elemento da crioulidade tornou as cidades mestiças citadas na crônica tão fundamentalmente diferentes do “oceano ocupado por culturas de matriz banto” para elas serem tratadas como ilhas separadas? Agualusa não aborda essa questão, só ressalta o estranhamento e a distância imposta entre zonas crioulas e zonas não-crioulas. Por não abordar a complexidade entre relações culturais na África, Agualusa concebe por si mesmo um estereótipo, pautado por uma visão cristalizada de nexos culturais que existem no continente africano. Dizer que essa incoerência é perdoável já que seu intento na crônica é citar a crioulidade para realçar os laços entre África e Brasil é uma resposta bastante superficial. Afinal, existem discursos que não negam os elos entre nosso país e a ancestralidade africana e que ainda assim são vinculados a uma postura eurocêntrica. Uma dessas referências inclusive é o sociólogo nacional Gilberto Freyre. Em suas obras, Freyre não negou características africanas na formação do Brasil, mas seu discurso lusotropicalista foi utilizado como ideologia do colonialismo português pelo Estado salazarista⁷¹.

⁷⁰ FERREIRA, Roquinaldo. “Ilhas crioulas”: o significado plural da mestiçagem cultural na África Atlântica. **Revista de História**, 155, 2006.

⁷¹ FREIXO, Adriano de. **“Minha Pátria é a Língua Portuguesa”**: A Construção da Idéia da Lusofonia em Portugal. 2007. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Destacando pretensas qualidades do povo português, como a aclimatabilidade, miscibilidade e mobilidade, a teoria freyriana, reconhecida como lusotropicalismo, foi em parte responsável pela construção da ideia de uma “colonização doce” lusitana quando comparada a outras potências europeias. A perspectiva de Freyre entende a mestiçagem como característica inerente e positiva da colonização portuguesa, uma vez que ela nunca contou com a “[...] consciência da superioridade de raça, tão salientes nos colonizadores ingleses [...]”⁷², supostamente fazendo com que na sociedade brasileira não haja “[...] duas metades inimigas, a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo [...] Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutualmente enriquecendo de valores e experiências diversas”⁷³. Tal percepção impactou sobremaneira nossa identidade nacional, de modo a implicar que o povo brasileiro viva sob uma democracia racial, inviabilizando e invisibilizando tensões raciais e o racismo no Brasil.

Essa retórica é utilizada, segundo Góes, por jornais como *O Globo*, que ele afirma ter um “perfil político da *Casa Grande*”, ou seja, que propõe “à comunidade de leitores a desobrigação, a isenção, o não reconhecimento da relação com a comunidade lusófona, com o Outro, e sequer de ter dívida histórica a saldar”⁷⁴. Esse pesquisador considera que o percurso histórico de *O Globo*, ao lado da *Folha de S. Paulo*, evidenciou valores e interesses das elites nacionais, utilizando o discurso de serem meios de comunicação e informação modernos e objetivos, de modo a esconder jogos de poder em suas páginas. Nesse sentido, “[...] os dois jornais são atores políticos, que fazem parte de um sistema de imprensa nascido com vínculos na *Casa Grande* e para a *Casa Grande*.⁷⁵ Partindo desse pressuposto e entendendo

⁷² FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 5^a edição revisada, 2006, p.272.

⁷³ *Ibid.*, p.418.

⁷⁴ GÓES, José C. **O jornalismo e a experiência do invisível:** identidades, lusofônias e a visível herança colonial brasileira. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Belo Horizonte: UFMG, p.23.

⁷⁵ *Ibid.*, p.116.

que a proposta de uma comunidade lusófona pode não se desvincular de uma vertente colonial, tal como a proposta no lusotropicalismo, talvez a lusofonia nas mãos de Agualusa não seja tão divergente do discurso d'*O Globo*. Até mesmo sendo empregada a favor do próprio periódico, algo que pode, e deve, ser investigado pela análise das demais crônicas publicadas.

Considerações finais

Na primeira metade da década de 2010, temáticas raciais estavam em voga no Brasil, sendo debatidas e divulgadas nos meios de comunicação nacionais. Em 2010, foi instituído o Estatuto da Igualdade Racial, sancionado para “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”⁷⁶. Dois anos depois, entrou em vigor aquela que ficou reconhecida como Lei de Cotas, instrumento criado para contemplar os estudantes de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência para auxiliar no ingresso desses indivíduos no ensino superior através da reserva de vagas em todas as instituições públicas⁷⁷. E, ao menos no último caso, o jornal *O Globo* utilizou do mito da democracia racial brasileira para se posicionar contra essa legislação, conforme conclui Campos analisando publicações do periódico entre 2001 e 2009⁷⁸.

Portando-se como um representante da sociedade brasileira, que em suas páginas se mostra majoritariamente contrário às cotas, *O Globo* usou ao longo dos anos vários argumentos para legitimar sua postura.

⁷⁶ BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

⁷⁷ BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, seção 1, 30/08/2012.

⁷⁸ CAMPOS, Luiz A. de S. C. **Enquadramento a esfera pública:** a controvérsia das cotas raciais na imprensa. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Dentre eles estavam: a acusação de que a ação afirmativa racial feriria a igualdade legal, que é a base da cidadania brasileira, a ênfase na ineficiência da medida no combate às desigualdades, pois favoreceria apenas os mais privilegiados dentro do grupo beneficiado (ideia do *creamy layer*), até chegar na suposição de que as cotas raciais violariam a plasticidade da identidade mestiça do Brasil⁷⁹. Dada essa atuação do jornal frente a uma lei que descobria o manto de uma suposta homogeneização brasileira, sobretudo no que tange aos direitos dos negros brasileiros, é curiosa a contratação de um literato que, numa entrevista de 1999, declarava-se como quase sem raça, como apresentado na primeira seção deste artigo⁸⁰.

Que, além disso, defendia, em seus romances prévios à estreia na imprensa brasileira, a existência da comunidade lusófona, pretensamente formada por Estados e povos dispostos a superar as marcas coloniais em prol de uma língua e cultura comuns, desconsiderando o fato que, em muitos desses países, a independência da metrópole portuguesa aconteceu há menos de cinquenta anos, por exemplo, em Angola e nos demais países africanos. E que continuou a advogar por essa comunidade lusófona agora cronista em *O Globo*, simplificando interrelações no interior da África nesse movimento, dando prioridade para a partilha cultural entre territórios lusófonos, representada pelo carnaval. Seria demais supor que há uma correlação entre a contratação de Agualusa e sua proposta de lusofonia e o contexto social vivido por *O Globo* em meados de 2015? A estreia do cronista ocorreu em um momento que a atuação desse jornal em prol do movimento anticotas sofria críticas severas, dado que, poucos anos após a promulgação da Lei de Cotas, os impactos positivos desta começaram a ser percebidos. A sugestão constante de Agualusa acerca da relevância de uma comunidade lusófona em sua coluna, se seu projeto fosse impactado pela teoria lusotropicalista, poderia apoiar, de maneira indireta, a retórica difundida por *O Globo* quanto à mestiçagem brasileira,

⁷⁹ JÚNIOR, João F; DAFLON, Verônica T. A nata e as cotas raciais: genealogia de um argumento público. **Opinião Pública**, v. 21, n.2, 2015

⁸⁰ ROZÁRIO, Denira. **Palavra de poeta**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

desestimulando debates em tornos de tensões raciais, como fizera o jornal relativo às ações afirmativas.

Fontes

AGUALUSA, José Eduardo. Beijando o ditador. *O Globo*, Segundo Caderno, 23/02/2015.

MEIRELES, Mauricio. Novos colunistas promovem a conexão entre Angola e Brasil. *O Globo*, 22/02/2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/novos-colunistas-promovem-conexao-entre-angola-brasil-15402980>. Acesso: 28/06/2024.

Referências

ALENCASTRO, Luis Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AYDOS, Mariana R. *Migração forçada: uma abordagem conceitual a partir da imigração de angolanos para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro (1970-2006)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Demografia). Campinas: UNICAMP.

ANTUNES, Elton; GÓES, José C. Os 20 anos da comunidade dos países de língua portuguesa na imprensa brasileira: discutindo as condições para uma communitas possível. *Médias & Jornalismo*, v.16, 2016.

ANTUNES, Elton; GÓES, José C. A invisibilização identitária da África lusófona na *Folha de S. Paulo* e em *O Globo*. *Revista Observatório*, v. 1, n.1, 2015.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. RJ: Mauad X, 2007.

CAMPOS, Luiz A. de S. C. *Enquadramento a esfera pública: a controvérsia das cotas raciais na imprensa*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: UERJ.

CAPELATO, Maria H; PRADO, Maria L. *O bravo matutino: Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de S.; PEREIRA, Leonardo A. de M. Apresentação. In: ___. *História em Coisas Miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

FERREIRA, Roquinaldo. “Ilhas crioulas”: o significado plural da mestiçagem cultural na África Atlântica. *Revista de História*, 155, 2006.

FREIXO, Adriano de. “*Minha Pátria é a Língua Portuguesa*”: A Construção da Idéia da Lusofonia em Portugal. 2007. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: UFRJ.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 5ª edição revisada, 2006.

GERMANO, Iris. O Carnaval no Brasil: da origem europeia à festa nacional. *Caravelle*, n.73, 1999.

GÓES, José C. *O jornalismo e a experiência do invisível*: identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Belo Horizonte: UFMG.

HALPERIN, Paula. Entre a invasão dos “capitais alienígenas” e a consolidação da televisão: Imprensa e debates públicos em torno ao acordo Rede Globo/Time-Life, 1964-1967. *Antíteses*, v. 12, n. 23, 2019.

HEYWOOD, Linda M. *Jinga de Angola, a rainha guerreira da África*. São Paulo: Todavia, 2019.

JÁCOME, Phellipy P. *O jornalismo como singular coletivo*: reflexões sobre a historicidade de um fenômeno moderno. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação). Belo Horizonte: UFMG.

JÁCOME, Phellipy; VIEIRA, Ítala M. O lado B do Jornalismo: como os cadernos culturais entram na história. *Contracampo*, v.37, n.3, 2018.

JOSÉ, Joveta. *A política externa de Angola: novos regionalismos e relações bilaterais com o Brasil*. 2011. Tese (Pós-Graduação em Ciência Política). Porto Alegre: UFRS.

JÚNIOR, João F; DAFLON, Verônica T. A nata e as cotas raciais: genealogia de um argumento público. *Opinião Pública*, v.21, n.2, 2015.

LEITE, Isabel C. A CPLP, Portugal e a Guiné Equatorial: uma encruzilhada na era dos Direitos Humanos. *População e Sociedade*, v.34, 2020.

LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Moisés de L. A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica*, v.11, n.1, 2018.

MIRANDA, Camila B. M. *As representações do Golpe e da ditadura militar brasileira nos editoriais do jornal O Globo (1964-1985)*. 2015. Monografia (Graduação em História). Belo Horizonte: UFMG.

NASCIMENTO, Rosana A. D. *O “Brasil Colonial” e a exposição do mundo português de 1940*. Tese (Doutorado em História). Salvador: UFBA.

OLIVEIRA, Márcia R. A. R. Jornal Popular x Jornal Tradicional: análise léxico-gramatical da notícia a partir da Linguística de Corpus, um estudo de casos dos jornais cariocas “O Globo” e “O Dia”. *Veredas*, 2008.

RIBEIRO, Ana P. G. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: FERREIRA, Tânia M. B. do C.; MOREL, Marco; NEVES, Lúcia M. B. P. (org.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

ROZÁRIO, Denira. *Palavra de poeta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SANTOS, Vanicléia S. *As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: século XVIII*. 2008. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: USP.

SIDRIM, Rejane J. *O passado presente no romance de Agualusa: história e literatura nos limites da ficção*. 2019. Dissertação (Pós-Graduação em História). João Pessoa: UFPB.

Enviado em: 19/07/2024

Aceito em: 13/12/2024